

A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA DE BONA SARTOR EM URUSSANGA, SC

THE ITALIAN IMMIGRATION AND THE TRAJECTORY OF THE DE BONA SARTOR'S FAMILY IN URUSSANGA, SC

Gil Karlos Ferri*

Resumo: Este artigo propõe uma contextualização histórica da imigração italiana para Urussanga, SC, através da análise da trajetória da família de Bona Sartor, oriunda da província de Belluno, Itália. O período analisado corresponde ao século XIX, com a crise socioeconômica e a grande emigração italiana, e à primeira metade do século XX, com o estabelecimento da família de Matteo e Domenica de Bona Sartor em Urussanga. Para recompor essa trajetória, foram utilizadas diversas fontes, como registros de nascimento, matrimônio e óbito, históricos familiares, árvores genealógicas, fotografias, entrevistas e dados antropológicos. Os estudos genealógicos e sobre os costumes do passado revelam adaptações e inovações nas dinâmicas familiares, podendo nos legar inspiração para buscarmos melhores condições de vida.

Palavras-chave: Imigração Italiana; Urussanga; De Bona Sartor.

Abstract: This article proposes a historical contextualization of Italian immigration to Urussanga, SC, through the analysis of the trajectory of the Bona Sartor family from the province of Belluno, Italy. The period analyzed corresponds to the nineteenth century, with the socioeconomic crisis and the great Italian emigration, and the first half of the twentieth century, with the establishment of the family of Matteo and Domenica de Bona Sartor in Urussanga. To compose this trajectory, several sources were used, such as birth, marriage and death records, family histories, genealogical trees, photographs, interviews and anthropological data. Genealogical studies and the customs of the past reveal adaptations and innovations in family dynamics, and can inspire us to seek better living conditions.

Key-words: Italian Immigration; Urussanga; De Bona Sartor.

O século XIX e a grande emigração italiana

O século XIX foi um período de intensas transformações na península itálica. Até a sua unificação, por volta de 1870, a Itália era dividida em diversos reinos. Em cada território os privilegiados proprietários arrendavam as terras aos camponeses, que ficavam com uma parte da produção para sua sobrevivência. A maioria da população estava ocupada na agricultura, porém, poucos possuíam sua própria terra para cultivar.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História – UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapeco, SC.

Durante todo século XIX e a primeira metade do século XX, as condições de vida dos agricultores italianos eram marcadas pela pobreza e pela falta de amparo. Conforme registrou o sociólogo Renzo Grosselli:

L'ambiente contadino era soprattutto identificabile com due aggettivi: povero e malsano. (...) La cura dell'igiene non era un'abitudine in voga nel tempo e vi erano spesso invasi d'immondizie. (...) Era abitudine delle famiglie contadine rimanere intere giornate, specie in inverno quando il lavoro dei campi lo permetteva, chiuse nella stalla, al calore degli animali. [O ambiente rural era, sobretudo, identificável com dois adjetivos: pobre e insalubre. (...) O cuidado com a higiene não era um hábito em voga naquele tempo e era muitas vezes invadido pelo lixo. (...) Era costume das famílias de agricultores ficarem o dia inteiro, especialmente durante o inverno, quando o trabalho agrícola permitia, fechados no estábulo, aquecidos com o calor dos animais]. (GROSSELI, 1986, p. 68).

A população italiana suportava amargamente seu fardo de miséria. A incipiente industrialização em centros como Milão e Verona não absorveu o grande contingente de trabalhadores desprovidos de terras. O processo de unificação, com batalhas militares e incertezas políticas, também contribuiu para complicar a situação econômica da população. Tais dificuldades foram agravadas por problemas agrícolas e demasiada exploração no meio rural, forçando milhares de camponeses a emigrar. (L'ALBERO DEGLI ZOCCOLI, 1978).

No período entre as últimas décadas do século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, milhares de italianos emigraram para outros continentes. Enquanto a Itália passava por uma crise com a população rural desprovida de terra, o Brasil, pelo contrário, almejava o recebimento de imigrantes para povoar e desenvolver economicamente seu vasto território. O fim do tráfico e do trabalho escravo e a necessidade de colonizar e integrar a região Sul acelerou o interesse do governo e das empresas colonizadoras para atrair imigrantes europeus para o país.

Os camponeses italianos eram convencidos a emigrar pela propaganda de agentes pagos pelo governo brasileiro ou por companhias de colonização. Saindo de suas comunas de origem, os emigrantes seguiam de trem ou carroças até o porto italiano de Gênova, onde embarcavam em navios para a América. A travessia do Atlântico demorava cerca de um mês, e, devido às péssimas condições de viagem, ocorriam diversas doenças e inclusive mortes durante o trajeto. Ao chegarem aos portos do Brasil, os imigrantes passavam por um período de quarentena, e eram conduzidos às fazendas ou colônias com as quais haviam efetuado contrato. (GROSSELI, 1986, p. 253).

Os agentes das companhias de imigração e colonização apresentavam diversas vantagens aos imigrantes. Dentre as ajudas prometidas, destacam-se o pagamento das despesas

com a viagem; a facilitação da compra de terras, com preços baixos e amplos prazos; e a garantia de serviço aos colonos em obras públicas, para que as famílias pudessem se manter até a primeira colheita. Milhares de italianos se deixaram envolver por estas propagandas. Porém, o governo brasileiro e as empresas de colonização não cumpriram totalmente tais promessas, deixando muitas vezes os imigrantes entregues à própria sorte. Impossibilitados de retornar à mísera pátria, o ideal de acumulação capitalista e a determinação dos imigrantes os forçaram a trabalhar e tentar progredir economicamente em condições adversas. (FRANZINA, 1976, p. 157).

A Colônia de Urussanga

A história do núcleo colonial de Urussanga faz parte do processo de povoamento e colonização projetado para o Sul do país durante o século XIX. Após os debates políticos e as medições dos lotes, a colonização de Urussanga iniciou-se em 26 de maio de 1878, quando as primeiras famílias de origem italiana chegaram ao local. Depois de passarem pela sede da colônia, em Azambuja, os imigrantes se estabeleceram em um rancho às margens do rio Urussanga, e dali partiram para seus lotes. (TONETTO, 2015, p. 73).

As despesas da viagem dos imigrantes, como transporte e alimentação, eram de responsabilidade dos diretores da colônia. Os colonos compravam seu lote da Companhia Colonizadora, que deveria ser pago após dois anos de uso. Ao chegarem ao lote, os imigrantes precisavam desmatar, preparar a terra e plantar. Além disso, precisavam construir suas casas e executar os trabalhos básicos de infraestrutura de rodagem, pois não haviam boas estradas na região. (BALDIN, 1999, p. 68). Nos primeiros seis meses os colonos recebiam da Companhia um valor que era pago por meio de vales, que eram trocados por produtos e alimentos nos armazéns. Porém, logo que cessavam tais ajudas, os colonos eram abandonados. (MARZANO, 1985, p. 58-59). Quando acabaram as subvenções do Governo, alguns colonos foram trabalhar como empregados ou em obras públicas em outros locais. Durante o tempo em que os homens permaneciam fora, as mulheres e as crianças ficavam na propriedade e cuidavam das plantações. (TONETTO, 2015, p. 73).

Após se estabelecerem no país, muitos imigrantes sofreram em consequência do clima quente e do trabalho árduo ao qual se submeteram. As doenças de pele foram as mais frequentes entre os colonos. (BALDESSAR, 1991, p. 117).

Muitos conflitos ocorreram entre imigrantes e autóctones. Nos planos do governo, dos empresários e dos colonos, os bugres – denominação pejorativa dada aos indígenas – eram um empecilho ao progresso idealizado. Para os índios Xokleng, antigos habitantes da região, os

imigrantes eram vistos como intrusos. Neste contexto de diferenças culturais, os bugreiros passaram a atuar na região, atacando e matando os índios a serviço dos colonos e das empresas colonizadoras. A ação dos bugreiros quase levou ao total extermínio dos índios da região. (SELAU, 2006, p. 133-142).

Dentre os produtos mais cultivados nos primeiros anos da colonização, destacam-se o milho, o feijão, o arroz, e a abóbora. Para processar estes e outros produtos, os imigrantes construíram atafonas e engenhos. Em tom ufanista, o missionário Luigi Marzano destacou a engenhosidade italiana:

Nossos infatigáveis italianos, visto que abundavam pedras de boa qualidade, fabricavam logo moendas e mós. Aproveitando da cascata d'água puseram em movimento o moinho, com grande maravilha dos brasileiros, os quais até então nunca tinham visto aplicações com a força d'água. Eis a primeira demonstração de civilização italiana trazida às florestas do Brasil. (MARZANO, 1985, p. 91).

De acordo com o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, em 1885 a produção de alimentos já superava o consumo interno, possibilitando aos agricultores de Urussanga iniciarem a comercialização de sua produção alhures. (CABRAL, 1968, p. 226).

Com a sistemática ocupação humana na colônia, ocorreu uma significativa alteração da paisagem nos vales fluviais da costa sul catarinense. O ideal progressista de outrora não considerou a Mata Atlântica em sua vital importância, alterando o equilíbrio da flora e da fauna local. Os impactos ambientais causados pela colonização neoeuropeia ainda precisam ser avaliados por pesquisas no campo da História Ambiental, pois constituem um importante viés para se compreender o passado e vislumbrar melhores práticas socioambientais, no presente e no futuro. (FERRI, 2017).

Baseados na fé, na família e no trabalho, os imigrantes italianos necessitavam assegurar sua religiosidade perante as adversidades de um novo mundo. O apego ao catolicismo era uma marca da população da península itálica. De acordo com o historiador italiano Luis Fernando Beneduzi, a estrutura de cada cidade da península estava organizada em torno de uma igreja comunal, “onde o sino controlava os movimentos do tempo e o sacerdote, as normas de conduta”. (BENEDUZI, 2008, p. 53). No centro da colônia de Urussanga, em um ponto elevado onde hoje se encontra a Igreja Matriz, foi construída a primeira capela, com a estrutura em madeira e cobertura de folhas de caeté. Conforme a colonização avançava, diversas localidades foram se formando tendo como núcleo uma capela, como, por exemplo, as comunidades de Rancho dos Bugres, São Pedro, São Valentim, Rio Salto, Rio Caeté, Rio Maior, Rio Carvão e Santaninha. (PANORAMA, 1999, p. 07).

Segundo o pesquisador João Leonir Dall’Alba, a partir de 1895 Urussanga era considerado o principal centro comercial da área de colonização italiana, superando economicamente as primeiras colônias de Azambuja e Pedras Grandes. Demonstrando sua importância econômica e articulação política, em 1890 Urussanga passou a ser um distrito de Tubarão, e em 1901 se emancipou, tornando-se então um município. (DALL’ALBA, 1987, p. 155).

Figura 01: Fotografia com vista parcial da Praça Anita Garibaldi e Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Urussanga, primeira metade do século XX.



Fonte: BARRETO, 2012.

Este artigo versa sobre o período colonial de Urussanga, porém, é importante destacar que a partir da década de 1910 e 1920, com a descoberta do carvão mineral e a construção do ramal da estrada de ferro, a cidade diversificou suas produções, recebendo novos contingentes populacionais de diversas origens étnicas. MARQUES, 1990, p. 153). Em decorrência da revitalização da cultura italiana observada a partir dos anos de 1980, Urussanga ostenta o título de Capital Catarinense do Bom Vinho (2004), demonstrando um considerável potencial no setor vitivinícola. (MAESTRELLI, 2011, p. 279-280).

Família de Bona Sartor: uma trajetória ítalo-brasileira

Para além dos estudos genealógicos, a trajetória de uma família pode ajudar no entendimento de processos históricos mais amplos. No caso da imigração e da colonização, as fontes familiares são fundamentais para entendermos esse fenômeno tão generalizado, mas ao mesmo tempo tão particular para os sujeitos nele envolvido.

A família¹ de Bona Sartor² tem suas origens na frazione de Igne, comune de Longarone, província de Belluno, região do Vêneto, Norte da Itália. De acordo com as pesquisas executadas pelo frei Juarez de Bona, os registros religiosos encontrados em Belluno permitem assegurar que os ancestrais deste clã viveram na localidade de Igne di Longarone desde, pelo menos, o século XVI. (DE BONA, S.D.).

Figura 02: Localização da frazione de Igne, comune di Longarone, província de Belluno, região do Vêneto, Itália.



Fonte: Google Maps.

Matteo de Bona Sartor, personagem-chave para traçarmos a trajetória da família da Itália para o Brasil, nasceu em Igne di Longarone em 18 de abril de 1843. Era filho de Antonio de Bona Sartor e Maria Bratti. Assim como seus antepassados e a maioria da população veneta do período, trabalhou como agricultor desde criança, junto com sua família. Casou-se com Domenica Damian em 09 de abril de 1866.

Figura 03: Atestado de matrimônio de Matteo De Bona e Domenica Damian. Longarone, 22 jun. 1995. Transcrição e tradução dos dados centrais: Se atesta que De Bona Matteo nascido em Longarone em 18 abr. 1843 e Damian Domenica nascida em Longarone em 02 ago. 1844 contraíram matrimônio em Longarone em 09 abr. 1866.



Acervo: Juarez De Bona.

Matteo e Domenica tiveram os seguintes filhos: Giuseppe (1866), Francesca (1868), Maria (1871), Antonio (1873), Maddalena (1876) e Cattarina (1879) – em Longarone, Itália, e Giovanni (1882) e Giacoma (1884) – em Urussanga, Brasil.³

Diante da complicada situação socioeconômica do período, o casal Matteo e Domenica e seus filhos seguiram o destino de milhares de italianos, e decidiram emigrar para a América. Partiram do porto de Gênova com o navio Baltimore, e chegaram ao Rio de Janeiro em 13 de fevereiro de 1880. No outro dia, seguiram viagem no navio Rio Negro, com destino a Santa Catarina.

Figura 04: Detalhe da lista de passageiros do vapor Baltimore. Porto de Gênova, Itália, 18 jan. 1880. Transcrição dos nomes (e idade): De Bona Matteo (36), Damian Domenica (35), De Bona Giuseppe (13), Francesca (11), Maria (8), Antonio (6), Maddalena (3) e Cattarina (1).

STATO dei Passaggeri imbarcati

NUMERO	Anno	Mese	Giorno	CASATO E NOME	Età	PATRIA
71				De Bona Matteo	36	Italia
72				Dammian Fia	27	?
73				De Bona Giuseppe	15	?
74				" Francesco	11	?
75	1878	Gen		" Mario	8	?
76	1878			" Antonio	6	?
77				" Paolo	5	?
78				" Caterino	1	?

Fonte: Sistema de Informação do Arquivo Nacional.

A família se estabeleceu em um lote na Linha Rio Maior, no núcleo Urussanga da colônia de Azambuja. De costume, os lotes nesta colônia podiam ser pagos em até dois anos, e após a quitação da dívida, o imigrante recebia a escritura definitiva da propriedade. Matteo de Bona Sartor e sua família estiveram entre os primeiros moradores da linha, conforme atesta a placa em frente à capela Madonna dei Campi [Nossa Senhora dos Campos] (figura 05).

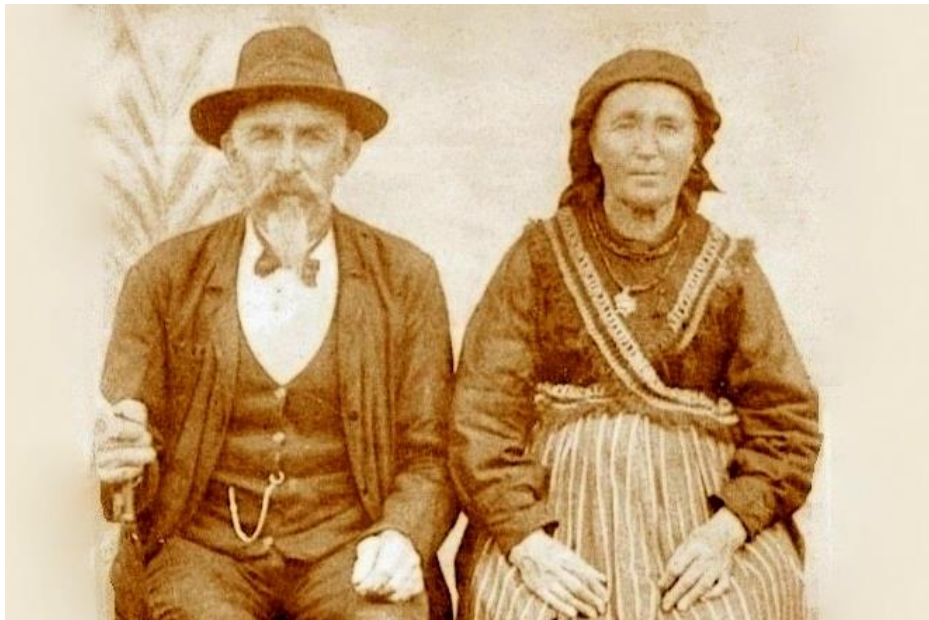
Figura 05: Placa em homenagem aos pioneiros imigrantes italianos, que se instalaram na localidade de Linha Rio Maior, a partir de 1878. Urussanga, 09 jul. 2000. Observa-se no início da lista o nome de um irmão de Matteo, Giovanni (* 09 fev. 1836 + 07 jan. 1915), casado em Longarone (1870) com Caterina De Biazzi (*19 fev. 1847 + 04 jun. 1929).



Foto: Henry Goulart. Urussanga, 13 jul. 2017.

Em 13 de julho de 1890, após a morte de sua primeira esposa, Matteo se casou com a viúva Maria Feltrin Cesconetto. Seu falecimento ocorreu em 04 de junho de 1921 na localidade de Rio Maior, aos 78 anos de idade.

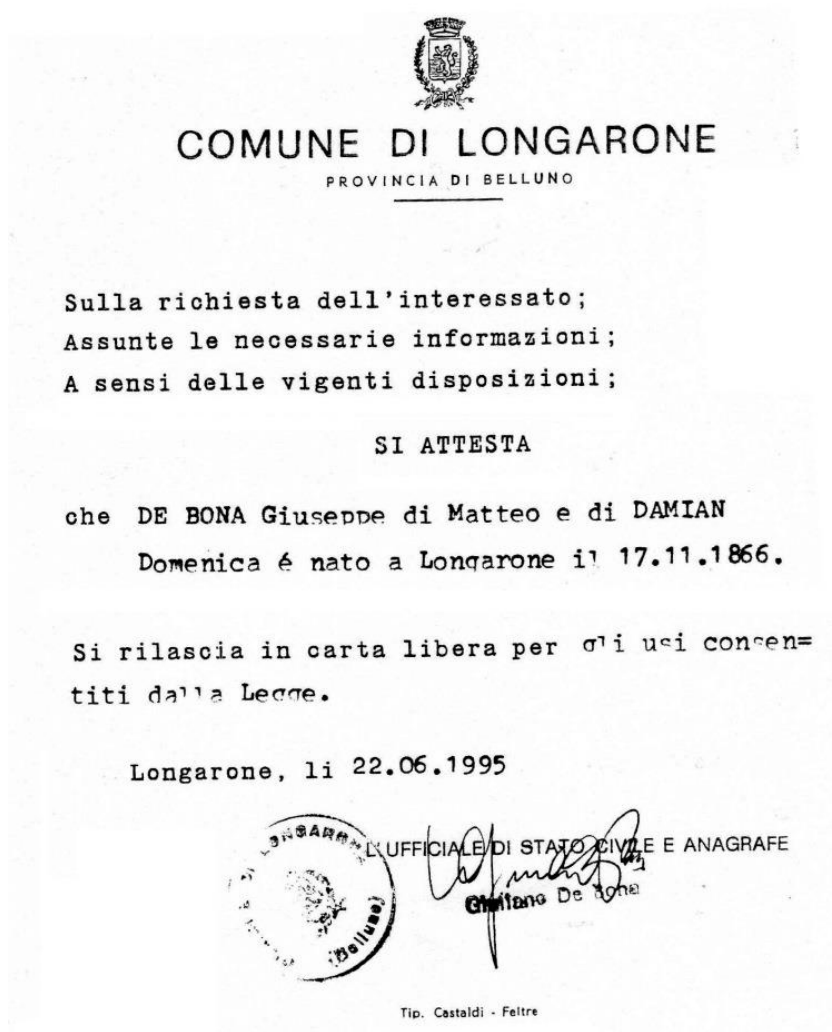
Figura 06: Fotografia de Matteo de Bona Sartor e Maria Feltrin Cesconetto. Urussanga, década de 1910.



Acervo: Claudia de Bona Sartor. Anita Garibaldi, SC.

Nossa narrativa segue com a trajetória do filho mais velho de Matteo e Domenica, Giuseppe de Bona Sartor. Giuseppe nasceu em Igne di Longarone em 17 de novembro de 1866.⁴

Figura 07: Atestado de nascimento de Giuseppe De Bona. Longarone, 22 jun. 1995. Transcrição e tradução dos dados centrais: Se atesta que De Bona Giuseppe filho de Matteo e de Damian Domenica nasceu em Longarone em 17 nov. 1866.



Acervo: Juarez De Bona.

Giuseppe emigrou para Urussanga em 1880, onde, em 1885, casou-se com Emília Tramontin. Desta união, tiveram os seguintes filhos: Luigi (1886), Domenico (1888), Domenica (1890), Elisabetta (1892), Matteo (1894), Angelo (1896), Maria (1899), Luiza (1905), Lucas (1906), Clementina (1909 - 1910), Joana, Diamantina (1911), e Amadeo⁵ (1913). (FELTRIN, 1991).

No final do século XIX, a família de Giuseppe de Bona Sartor, oriunda de Rio Maior, foi uma das primeiras famílias a se estabelecer na região de Sant'Ana do Alto Rio Carvão, atual Santaninha.

Figura 08: Localização da comunidade de Santaninha, município de Urussanga, Estado de Santa Catarina, Brasil.



Fonte: Google Maps.

Até 1914, os filhos mais velhos de Giuseppe e Emilia, Luiz, Domingos, Matheus e Angelo, viviam junto com os pais. Depois, se estabeleceram com suas famílias em terras onde futuramente seria construída a vila operária dos mineiros de Santana. (MARIOT, 2010).

Figura 09: Fotografia da família de Giuseppe de Bona Sartor e Emilia Tramontin. Em pé, da esquerda para a direita: Matteo [Matheus], Domenico [Domingos], Elizabetta [Elisabete], Domenica [Domingas], Luigi [Luiz] e Angelo. Sentados: Lucas, Giuseppe, Diamantina, Emilia, Amadeo, Joana e Maria.

Sant'Ana do Alto Rio Carvão, Urussanga, SC, ± 1914.



Acervo: Claudia de Bona Sartor. Anita Garibaldi, SC.

Per far la Mèrica: trabalho e cultura ítalo-brasileira em Santaninha

É no trabalho cotidiano que a história de uma família de origem italiana se faz. Os dados que seguem são inspirados nas informações coletadas por Edson João Mariot, que ao longo dos últimos anos têm registrado algumas histórias das localidades de Santana e Santaninha. (MARIOT, 2010-2016).

Ao chegarem à nova terra, os colonos precisaram reconstruir suas vidas em todos os aspectos, ressignificando sua cultura e adaptando-se ao novo ambiente.

As primeiras construções foram feitas com a madeira recém-derrubada da floresta, tendo como cobertura as folhas das palmeiras rabo-de-peixe ou guaricana (*geonoma* spp), plantas típicas da região litorânea da Mata Atlântica. De costume, as casas eram construídas tendo por base um porão de pedras ou tijolos, que servia de depósito para bebidas e alimentos, como o salame e o vinho. Na parte superior, de madeira, ficavam a sala e os quartos, podendo a cozinha ficar nesta parte ou em anexo. Mais acima estava o sótão, que podia servir como quarto de reserva ou depósito para alimentos e objetos. Dentro de casa, no início da colonização, as famílias possuíam apenas o essencial para sobreviver, como a máquina de costura manual e o ferro de passar com brasas. Cozinhava-se em um *larin*⁶ ou em uma *trempe*⁷. As louças eram produzidas com argila ou madeira, podendo ser compradas ou produzidas pelos próprios colonos. Limitadas economicamente, as famílias decoravam suas casas de modo muito simples, geralmente com algum artesanato, imagens da família e quadros com motivos religiosos.

Faziam parte de uma típica propriedade rural o paiol, o chiqueiro, o galinheiro, o forno, o poço e a patente, que era utilizada como banheiro. O paiol era fundamental para os serviços, e funcionava como depósito de grãos, feno, ferramentas e apetrechos para os animais. Também podia servir como estábulo ou estrebaria, onde os bovinos e equinos eram alimentados e ordenhados.

As ferramentas mais utilizadas nas propriedades eram o machado, a foice e o serrote ou topeador, usados na derrubada da mata e para serrar a madeira. Nas atividades agrícolas, eram utilizadas a foice e a enxada, pois o arado tinha seu uso limitado pelas condições acidentadas do terreno. O sistema de plantio mais utilizado nos primeiros tempos da colonização foi a coivara, uma técnica que consiste na derrubada e queima da mata para se efetuar o plantio direto no terreno adubado pelas cinzas. Após a os procedimentos da coivara, a semeadura do milho é a que se apresentava mais rentável, pois a polenta era um produto diário da alimentação dos colonos, e o milho ainda servia como ração para os animais. (MARZANO, 1904).

A renda familiar era baseada nas atividades agrícolas e nos trabalhos esporádicos em construções. Também havia a possibilidade de se obter lucros com outras atividades, como fizeram os irmãos Domingos e Matheus ao instalarem um engenho de farinha. Na edição de 1926 do Almanak Laemmert, no qual constam os ofícios praticados no país, aparecem dois profissionais da família: Matheus, apicultor, e Jacomo, ferreiro e beneficiador de arroz. (ALMANAK LAEMMERT, 1926, p. 1130). Obviamente o almanaque não conseguiu registrar todas as especializações profissionais do município. No caso da família de Bona Sartor, até a metade do século XX todos os seus membros trabalhavam em propriedades rurais ou na prestação de serviços relacionados à agricultura e criação de animais. De costume, o excedente agrícola e os porcos eram vendidos no armazém de Mariano Mazzuco, localizado em Rio Maior, ou trocados por mercadorias como querosene, sal e breu.

Na medida do possível, a alimentação dos imigrantes se manteve com hábitos da sua pátria de origem; mas também, passaram a utilizar os recursos disponíveis em sua nova terra. Dentre os costumes alimentares trazidos da Itália, destacam-se a polenta, a *ministra* [sopa de feijão], o arroz, o queijo, a *puína* [ricota fresca], a nata, a manteiga, o salame, o *sacol* [copa], a banha, o *musetto*⁸, o toucinho, o bacalhau, a salada de *radicchio* [almeirão], a carne de galinha, o vinagre, o vinho e a *grappa* - bebida alcoólica produzida com a fermentação dos bagaços da uva. Dentre os alimentos que passaram a fazer parte de suas dietas no Brasil, destacam-se a carne de caça, a farinha de mandioca, o charque, o palmito, o pinhão, a banana, a cachaça, os peixes de água doce e as frutas nativas. Os condimentos mais utilizados eram o alecrim, a alfazema e a batata-crem⁹.

No início da colonização, o tão apreciado vinho não esteve presente de forma constante na mesa das famílias de origem italiana. Porém, conforme as condições e a videiras permitiram, o vinho passou a ser produzido em Urussanga. O vinho produzido era envasado em garrações, que podiam ser protegidos com cipó, vime ou taquara, e depois eram armazenados nos porões das casas.

Com o leite de vaca se produziam derivados como o queijo, a manteiga, a nata e a *puína*. Os bois podiam ser usados como tração animal, e quando abatidos forneciam a carne, o sebo e o couro. Quando algum bezerro morria, retirava-se a coalheira, uma parte do estômago que era usada para coalhar o leite na elaboração do queijo.

Diante de um novo ambiente, os imigrantes reforçaram seu catolicismo, buscando na religião um apoio para suportar as dificuldades inerentes à ação de colonizar. (FREISE, 1897, p. 01). A religiosidade se expressava no cotidiano das famílias, no terço rezado diariamente e nas orações em latim ou língua veneta. Em todas as casas haviam quadros de santos pendurados

nas paredes. Aos domingos, as famílias se deslocavam a pé ou a cavalo até o centro de Urussanga, para assistir a missa do cônego Luiz Gilli. (BESEN, 2009, p. 12).

A primeira capela de Sant’Ana do Alto Rio Carvão foi construída em madeira, em 1898. A imagem da santa foi doada por Giuseppe de Bona Sartor. Assim como seus conterrâneos, Giuseppe era um homem de extremo zelo religioso, e logo assumiu a função de capelão, a qual desempenhou por diversos anos. No local também eram ministradas as aulas para as crianças da comunidade. Por volta de 1940 foi iniciada a construção da atual igreja (figura 10), em regime de mutirão, pelos moradores da comunidade, sendo os tijolos fabricados por Defende Mariot. Em 12 de dezembro de 1948 foi concluída a sua construção, custando aproximadamente 40 mil cruzeiros. (SAVIO, 2011).

Figura 10: Igreja de Santaninha. Urussanga, SC.



Foto: Mariana de Lorensi. Urussanga, 07 ago. 2016.

As opções de lazer em Santaninha geralmente eram marcadas pelo calendário da Igreja Católica. Além da festa organizada pela comunidade em honra a sua padroeira, podemos destacar, como forma de lazer, as reuniões dos homens na bodega¹⁰, os piqueniques, as caçadas nas matas da região e as festas de recepção dos casamentos. Nas memórias de quem passou a infância em Santaninha, persistem as lembranças das brincadeiras em que se utilizava o invólucro do cacho do coqueiro-jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), chamado de “canao”, para escorregarem morro abaixo.

Em 1941 iniciou a exploração do carvão mineral na região. Com a construção da vila operária de Santana, Sant'Ana do Alto Rio Carvão passou a ser chamada de Santaninha ou Santana Colônia. No início do contato entre italianos e seus descendentes com os operários da mineração, surgiram divergências étnico-culturais. Porém, com o passar do tempo, a integração foi acontecendo pelos casamentos interétnicos, jogos de futebol, festas e atividades religiosas. (SARTOR In RABELO, 2007, p. 98-99).

Histórias vivas, conclusões provisórias

A partir da década de 1940, os casamentos interétnicos e as migrações modificaram em muitos aspectos as relações da família de Bona Sartor. Os descendentes de Giuseppe e Emilia, bem como seus parentes, buscaram ascensão socioeconômica em centros urbanos como Criciúma e Tubarão. Alguns migraram serra acima, para a região de São Joaquim, Lages e Anita Garibaldi, outros, foram para os Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. Deste período em diante, as novas gerações ampliaram a genealogia da família, diversificando seus ofícios e costumes.

Assim como toda narrativa histórica, a recomposição de uma trajetória familiar sempre estará incompleta. Entretanto, redescobrir a história de vida dos antepassados pode ser uma estratégia para compreendermos nossa própria evolução enquanto sujeitos sociais. Longe de parecer uma história estática, os estudos genealógicos e sobre os costumes do passado revelam adaptações e inovações nas dinâmicas familiares, podendo legar ao nosso tempo inspiração para buscarmos melhores condições de vida.

Referências

ALMANAK Laemmert. *Anuario comercial, industrial, agrícola, profissional e administrativo da capital federal e dos Estados Unidos do Brasil*. 4º volume: Estados do Sul. Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1926.

BALDESSAR, Quinto Davide. *Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina*. Criciúma, 1991.

BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade: história da imigração italiana no Brasil: os vênets em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999.

BARRETO, Jovani Manique; PEREIRA, Jéssica; PEREIRA, Samira; ROLT, Maria Luiza. *Uma história de fé: os 110 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Urussanga*. Urussanga: Editorial Vanguarda, 2012.

BENEDUZI, Luis Fernando. *Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BINDA, Carolina dos Santos. *Quantificação de inulina em diferentes estádios de desenvolvimento de crem (Tropaeolum pentaphyllum) em campo e micropropagados*. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Alimentos. Erechim: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, 2013.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1968.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997
COMUNIDADES de Urussanga. [Blog]. Urussanga, set. 2011. Disponível em: <<http://comunidadesurussanga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

DE BONA, Juarez. *Famiglia De Bona (Sartor): Genealogia*. Curitiba: Fraternidade de Freis Capuchinhos São Lourenço de Brindes, s.d. Acervo do autor.

DE BONI, Luis Alberto (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.

DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FELTRIN, Angelino João de Bona Sartor. *Árvore Genealógica da Família “Matheus de Bona Sartor”*. Criciúma, 1991. Acervo do autor.

FERRI, G. K. *História Ambiental: uma historiografia comprometida com a vida*. *Café História*. Rio de Janeiro, 05 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.cafehistoria.com.br/historia-ambiental-historiografia-comprometida-com-a-vida>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FRANZINA, Emilio. *La Grande Emigrazione*. Venezia: Marsiglio, 1976.

FREISE, Bernardo. *Princípio de Urussanga. Livro de Tombo, n. 01*. Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Urussanga, 01 abr. 1897.

GOOGLE Maps. 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

GROSSELLI, Renzo Maria. *Vincere o Morire*. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Parte I: Santa Catarina 1875 – 1900. Provincia Autonoma di Trento, 1986.

JORNAL da Arquidiocese, n. 146, ano XIII. Florianópolis, jun. 2009.

L'ALBERO degli Zoccoli. Direção: Ermanno Olmi. Itália: RAI (Radiotelevisione Italiana) e Cooperativa G.P.C. (Grupo Produzione Cinema Milano), 1978. 179 min.

MAESTRELLI, Sérgio Roberto. *Do parreiral à taça: o vinho através da história*. Urussanga: EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina, 2011.

MARIOT, Edson João. *Santana Mineração*. [Blog]. Urussanga, 2010-2016. Disponível em: <<http://santanamineracao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MARQUES, Agenor Neves. *História de Urussanga*. Urussanga, 1990.

MARZANO, Luigi. *Coloni e missionari italiani nelle foreste del Brasile*. Firenze: Tipografia Barbera, 1904.

MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1985.

MIORANZA, Ciro. *Filius Quondam: a origem e o significado dos sobrenomes italianos*. 2ª ed. São Paulo: Larousse, 2009.

RABELO, Giani. *Entre o hábito e o carvão: pedagogias missionárias no Sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX*. Tese de Doutorado em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PANORAMA da Nossa Gente, ano 01, n. 01. Urussanga, 26 maio 1999.

SARTOR, Emília de Bona. *Família Maccari & Bona Sartor: História e Memória*. Lages, SC, 2015. Disponível em: <<https://issuu.com/gilkarlosferri/docs/familiamaccaribonasartor/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SELAU, Maurício da Silva. A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875 – 1925): *resistência e extermínio*. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 2006.

SIGNIFICADOS. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SISTEMA de Informação do Arquivo Nacional. *Relação de passageiros do vapor Baltimore (RV15)*. Código: BR.RJ.AN.RIO.OL.0.RPV.PRJ.1135A. Notação: PRJ.1142. Procedência: Gênova, Itália. Destino: Rio de Janeiro, Brasil. Data: 18 jan. 1880. p. 03 e 04. Disponível em: <<http://sian.an.gov.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SOZZI, Alessandro. *Musetto*. Italian Salami. 2005. Disponível em: <http://italian-salami.com/salami/friuli_musetto.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

TONETTO, Eusébio Pasini; GHIZZO, Idemar; PIROLA, Lenir. *Colônia Azambuja: a imigração italiana no sul de Santa Catarina*. Florianópolis: EPAGRI, 2015.

ZANETTI, Cândida. *Sabores e saberes: hábitos e práticas alimentares entre famílias rurais descendentes de imigrantes italianos na região do Vale do Taquari / RS*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

Enviado em 10 de janeiro de 2019

Aceito em 03 de julho de 2019

¹ Neste artigo, entende-se a família como uma microssociedade, formada por sujeitos aparentados que compartilham antepassados em comum. Cf.: FARIA In CARDOSO & VAINFAS, 1997, p. 241-258.

² O sobrenome De Bona tem origem em *bona* que é o feminino de *bono*, forma italiana/dialetal do latim *bonus*, que significa bom. O sobrenome Sartor é uma variação dialetal de *sartore*, que vem do latim *sartoris*, que significa remendador de tecidos. No final do Império Romano, sartor se tornou o profissional que trabalhava na confecção

do vestuário da nobreza; porém, de modo geral, o sobrenome se refere à arte e ao ofício de alfaiate. Fonte: MIORANZA, 2009, *passim*.

³ Matteo de Bona Sartor (* Igne di Longarone, 18 abr. 1843 + 04 jun. 1921, Urussanga) casou-se: 1º em 06 abr. 1866 com Domenica Damian (*Igne di Longarone, 02 ago. 1844 + antes de 1890, Urussanga), filha de Antonio Damian e Elisabetta Mariot; 2º em 13 jul. 1890, com a viúva Maria Feltrin Cesconetto. Teve filhos apenas com Domenica. Filhos nascidos em Longarone: Giuseppe (* 17 nov. 1866 + 28 ago. 1950), casou-se em 1885 com Emilia Tramontin; Francesca (* 30 abr. 1868), casou-se: 1º com Vicente Damian (11 jun. 1884), e 2º com Arcangelo Bez (1912); Maria (* 08 set. 1871), casou-se com Luca De Bona [Muda] (1888); Antonio (* 02 out. 1873 + 19 fev. 1952), casou-se: 1º com Maria De Bona Palotta (15 dez. 1894), 2º com Giacoma De Bona Palotta (27 jun. 1898); Maddalena (* 05 dez. 1876), casou-se em 22 nov. 1894 com Marco Fontanella (* 29 out. 1874 + 18 ago. 1949); Cattarina (* 03 jan. 1879 + 27 mar. 1942), casou-se com Paulo Citadin. Filhos nascidos em Urussanga: Giovanni (* 25 dez. 1882), casou-se com Elisa Burigo (24 fev. 1906); Giacoma (* 01 set. 1884), casou-se com Vicente Cesconetto. Fonte: DE BONA, *passim*.

⁴ Giuseppe de Bona Sartor (* Igne di Longarone, 17 nov. 1866 + 28 ago. 1950, Urussanga) casou-se em 1885 com Emilia Tramontin (* Itália + após 1950, Urussanga). Filhos: Luigi (* 16 jun. 1886 + 01 mar. 1972), casou-se em 04 set. 1909 com Francisca Romana Fontanella (* 12 fev. 1890 + 01 dez. 1945); Domenico (* 8 set. 1888 + 22 jul. 1985), casou-se com Maria Cesconetto (* 20 abr. 1893 + 23 jun. 1977); Domenica (* 19 jun. 1890), casou-se com Silvio Trento; Elisabetta (* 19 jul. 1892), casou-se em 1913 com Angelo Piva; Matteo (* 1894 + 04 mar. 1943), casou-se com Herminia Zanelato; Angelo (* 20 out. 1896 + 04 nov. 1954), casou-se 1º com Luiza Trento (* 22 out. 1895 + 28 jun. 1929), e 2º com Domingas Zanelatto; Maria (* 17 jan. 1899), casou-se com Fernando Piva; Luiza (* jul. 1905 + 11 maio 1909); Lucas (* 20 jun. 1906 + 29 jul. 1975), casou-se com Anita Zanelatto; Clementina (* 21 mar. 1909 + 04 jun. 1910); Joana, casou-se com Marcos Benedetti; Diamantina (* 22 maio 1911), casou-se com Pedro Macari (* 12 jul. 1906); Amadeo (* 30 out. 1913 + 16 abr. 1979), casou-se em 31 mar. 1932 com Maria Antonietta Maccari (* 18 fev. 1909 + 13 ago. 1999). Fonte: DE BONA, *passim*.

⁵ Amadeo de Bona Sartor (* Urussanga, 30 out. 1913 + 16 abr. 1979, Lages) casou-se em Urussanga (31 mar. 1932) com Maria Antonietta Maccari (*Urussanga, 18 fev. 1909 + 13 ago. 1999, Lages). Filhos: Claudia (1933), Cremilda (1934), Ilbe (1936) Emília (1938), Silvestre (1941), Vitalino (1943), Olindo (1945), Paulo (1947) e Olinda (1952). O autor deste artigo é neto de Claudia. Fonte: SARTOR, 2015, p. 08-18.

⁶ *Larin* é uma panela de ferro fixada ao teto da cozinha por uma corrente, e embaixo fazia-se o fogo. Fonte: ZANETTI, 2011, p. 89.

⁷ *Trempe* é um arco de ferro que, sobre três pés, dá suporte à panela que vai ao fogo. Também pode ser uma chapa de ferro vazada que, num fogão a lenha, serve de suporte para as panelas. Fonte: Dicionário do Aurélio, 2019.

⁸ *Musetto* é um preparado a base de carne de porco, típico do Vêneto, Itália. A carne utilizada é derivada, exclusivamente, do focinho do porco, a qual é triturada e misturada com canela, pimenta, noz-moscada e outras especiarias de acordo com a receita. Fonte: SOZZI, 2005.

⁹ Crem é um condimento obtido da planta *Armoracia rusticana*, nativa do sudoeste da Europa. No Brasil, utiliza-se a raiz-amarga *Tropaeolum pentaphyllum*. Depois de raladas, as raízes são colocadas em vinagre de vinho tinto, e são usadas para acompanhar e temperar sopas e carnes. Fonte: BINDA, 2013, p. 02.

¹⁰ Bodega, em espanhol, significa um porão, loja ou depósito onde se vende vinho a retalho. No Brasil, o termo bodega se refere a um pequeno armazém de secos e molhados, onde são vendidas refeições e bebida alcoólicas, uma espécie de taberna. Fonte: SIGNIFICADOS, 2019.